



## **Do Caos à Esperança: As Mulheres na Reconstrução do Haiti<sup>1</sup>**

Taíssa Dias da SILVA<sup>2</sup>

Tchérena Cândido Costa Correia GUIMARÃES<sup>3</sup>

Solano dos Santos NASCIMENTO<sup>4</sup>

Universidade de Brasília, Brasília, DF

### **RESUMO**

O presente trabalho consiste em uma grande reportagem sobre mulheres que estão ajudando a reconstruir a República do Haiti após o terremoto que atingiu a capital Porto Príncipe em janeiro de 2010. A partir das cinco personagens principais, a reportagem traz um panorama da situação haitiana quase um ano após a tragédia e mostra o contexto de dificuldades em que o país está sendo reconstruído. Para a produção deste material foram analisados dados coletados a partir de pesquisa bibliográfica e de campo. Uma viagem ao país foi feita no período de 15 a 26 de outubro de 2010.

**PALAVRAS-CHAVE:** Haiti; terremoto; reconstrução; mulheres.

### **1. INTRODUÇÃO**

A ideia de estudar o Haiti surgiu bem antes do terremoto de janeiro de 2010. Inicialmente, o objetivo era produzir uma reportagem que desvendasse o ponto de vista haitiano sobre a participação brasileira na Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (Minustah). Investigar a percepção do povo daquele país acerca da missão estrangeira – e mais especificamente da participação brasileira nessa missão – era nossa principal meta.

A proposta começou a se concretizar a partir de contatos pessoais com integrantes do Centro de Comunicação Social do Exército Brasileiro (CComSEx). Eles explicaram ser viável uma viagem ao Haiti, já que há um sistema de atendimento a jornalistas no país. A partir daí iniciou-se o processo de pesquisa e a consolidação das parcerias que contribuiriam para a concretização deste projeto.

O terremoto de 12 de janeiro de 2010 mudou a realidade do país e, conseqüentemente, nossos objetivos. Após a tragédia, desviamos nossas atenções para os aspectos sociais da reconstrução do país.

A República do Haiti é um pequeno país da região do Caribe, na América Central. Com 27.750 km<sup>2</sup> e 9.648.924 habitantes, segundo estimativas de julho de 2010, ocupa um terço da Ilha Hispaniola, entre o Mar do Caribe e o Oceano Atlântico Norte. Faz fronteira

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em jornalismo informativo – Noticiário, Reportagem, Entrevista (avulso apresentado em qualquer suporte).

<sup>2</sup> Aluna líder do grupo e recém formada no Curso Comunicação Social – Jornalismo, e-mail: taissa\_ds@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Recém formada no Curso Comunicação Social – Jornalismo, e-mail: tcherenag@yahoo.com.br.

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social – Jornalismo, e-mail: nascimento@unb.br.



com a República Dominicana, que ocupa os outros dois terços da Ilha. Tem como religião predominante a católica romana (80% da população), que é seguida pelo protestantismo (10%). Cerca de metade da população, no entanto, é também praticante do vodu. Os idiomas oficiais são o francês e o crioulo<sup>5</sup>.

País mais pobre do Hemisfério Ocidental, o Haiti tem 80% da população vivendo abaixo da linha da pobreza e 54% na indigência. Dois terços dos haitianos dependem da agricultura de subsistência e são vulneráveis aos danos causados pelos freqüentes desastres naturais: o país está sujeito a tempestades de junho a outubro, inundações, terremotos ocasionais e secas periódicas. Passa, atualmente, por sérios problemas ambientais devido ao enorme desmatamento.

O terremoto de 2010 teve magnitude sete na escala Richter, que vai até nove. Com epicentro a 15 km a sudoeste da capital, Porto Príncipe, e a 10 km de profundidade, o sismo e suas sucessivas réplicas deixaram mais de 200 mil mortos e três milhões de desabrigados. Reportagens feitas pouco depois do terremoto denunciavam o aumento do número de estupros de mulheres e crianças, que já eram altos, em Porto Príncipe.

Desde a tragédia, vários setores da sociedade e do governo haitianos, a comunidade internacional e a Organização das Nações Unidas (ONU) vêm somando esforços para a reconstrução do país. Para articular as ações dos diversos segmentos envolvidos nesse processo, foi criada a Comissão Interina para a Reconstrução do Haiti (Interim Commission for the Reconstruction of Haiti – IHCR) em abril de 2010. A comissão tem como objetivo coordenar a reestruturação do país nos 18 meses seguintes a sua nomeação.

Até outubro do ano passado, quando estivemos em Porto Príncipe, pouca coisa havia sido reconstruída. Ainda havia escombros em partes da cidade e, segundo estatísticas do próprio governo haitiano, cerca de 1,5 milhão de pessoas ainda estavam vivendo em barracas nos campos de deslocados.

Esta reportagem apresenta cinco mulheres, suas histórias, e os trabalhos que elas estão desenvolvendo com o objetivo de reconstruir o Haiti.

## **2. OBJETIVO**

O objetivo deste trabalho é mostrar o papel das mulheres na reconstrução do Haiti.

Desde a tragédia, vários organismos internos e externos ao país somam forças para reestruturar o centro político da nação haitiana. Entre eles estão o governo local, a ONU, a

---

<sup>5</sup> Dados da Central de Inteligência Americana – CIA (Central Intelligence Agency).



comunidade internacional, Organizações Não-Governamentais e a própria população. Entre os esforços alocados, há iniciativas nas mais diversas áreas: saúde, educação, infraestrutura, cultura, religião, e outros. Nesse contexto, nossa pesquisa buscou mostrar as iniciativas pessoais, executadas no dia a dia de nossas personagens, cujos objetivos são colaborar para a reestruturação da nação.

O produto que apresentamos visa contribuir para a compreensão do complexo mosaico de forças que compõem os esforços de reconstrução e desenvolvimento do Haiti e do papel das mulheres no processo.

### **3. JUSTIFICATIVA**

A maior parte das notícias e reportagens produzidas no Haiti após a catástrofe natural ocorrida no início de 2010 tratou apenas dos aspectos estruturais da reconstrução do país. Os valores doados pelas nações estrangeiras, as disputas pela liderança do processo de auxílio e as divergências sobre a forma de ajuda deram o tom geral das reportagens.

Algumas brechas não foram preenchidas pela cobertura jornalística no que se refere ao cotidiano da população no pós-tragédia. Pouco se falou sobre a reconstrução que vai além dos prédios. Que esperança os haitianos têm de reconstruírem suas vidas? Como cada um pode, no seu dia a dia, colaborar com a reconstrução? Quem está dedicando seu tempo e sua vida para ajudar os outros?

Essas lacunas se fazem ainda mais evidentes agora, mais de um ano após o terremoto. A cobertura da catástrofe se fez diária e exaustiva por cerca de um mês. Voltamos ao cenário em outubro de 2010, nove meses após a tragédia, para revelarmos o que está sendo feito para reconstruir o país e por quem. Como a população incorporou o processo de reconstrução no seu dia a dia.

É preciso mostrar o papel das mulheres, historicamente oprimidas no país, na reconstrução do Haiti. Como elas, vítimas de inúmeros casos de estupro e violência principalmente após o terremoto, estão reconstruindo suas vidas? Como elas podem ajudar?

Além disso, há notável carência de material bibliográfico sobre o Haiti em português. Nossa reportagem pretende ampliar, ainda que de forma discreta, as referências e o interesse pelo tema junto à sociedade e a mídia brasileiras.

### **4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**



A pesquisa realizada para a produção desta reportagem se deu em duas fases principais. A primeira consistiu na coleta de dados através de pesquisa bibliográfica e de entrevistas. Foram analisados livros, materiais publicados pela mídia, documentos da Organização das Nações Unidas e da comunidade internacional envolvida na reconstrução do Haiti, e outros. Ao mesmo tempo, foram realizadas entrevistas com pessoas diretamente ligadas à participação brasileira na Minustah, haitianos residentes do Brasil e especialistas da área. Foram ouvidos militares das Forças Armadas atuantes na Missão, diplomatas brasileiros e haitianos, especialistas em relações internacionais, representantes de entidades que trabalham no Haiti, e outros.

A segunda fase da pesquisa se deu com a coleta de informações em campo. Na viagem a Porto Príncipe, entre 15 e 26 de outubro de 2010, foram feitas entrevistas utilizadas em nossa reportagem e ainda outras que nos auxiliaram na compreensão do contexto em que nos encontrávamos. A pesquisa ainda contou a com produção das fotos que compõem a reportagem.

## **5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Algumas dificuldades foram encontradas durante a execução desta grande reportagem. A pouca disponibilidade de material em português sobre o Haiti foi o primeiro obstáculo encontrado, já no começo das pesquisas. Os idiomas oficiais do país, francês e creóle – línguas que não dominamos – voltaram a impor dificuldades na fase de pré-apuração. Todos os e-mails e telefonemas tinham de ser escritos ou falados em português ou inglês. Por isso, nesse período nossas fontes estiveram bastante restritas aos brasileiros residentes no Haiti e a integrantes de ONGs internacionais no país que dominavam o idioma inglês.

Mesmo quando já estávamos em Porto Príncipe e contávamos com a ajuda de tradutores, a questão da língua ainda era uma barreira. Os intérpretes com os quais contávamos muitas vezes não entendiam exatamente o que queríamos dizer. Em outras ocasiões, percebíamos que a fonte levava minutos para responder uma pergunta e a resposta era resumida em poucas palavras pelos tradutores. De certa forma, o uso de intérpretes limitava as respostas que recebíamos. A impressão é de que perdíamos a essência dos depoimentos.

As dificuldades de obtenção de informações em português e os problemas gerais de comunicação na fase de pré-apuração se refletiram na delimitação da pauta. A comunicação



por telefone era financeiramente inviável e a comunicação pela internet precária, já que a infraestrutura de redes no país ainda é deficiente. Sem canais eficientes de comunicação que nos levassem a informações precisas o suficiente para sustentar uma pauta, saímos do Brasil com uma lista de assuntos aos quais dedicaríamos nossas atenções em Porto Príncipe. A pauta definitiva, no entanto, só veio a se delimitar durante a apuração.

A apuração, por sua vez, ainda enfrentou dificuldades práticas, ainda que contornáveis. O Haiti enfrenta uma atmosfera de insegurança e as notícias de seqüestro de jornalistas são freqüentes. Por isso, na base brasileira, onde ficamos hospedadas, tínhamos de seguir um protocolo de segurança que limitava nosso campo de atuação. Nas atividades em que acompanhávamos os militares tínhamos de seguir estritamente o roteiro programado. Além disso, era obrigatório o uso de pesados capacetes e coletes à prova de balas. Para as saídas que fazíamos sem escolta, acompanhadas do motorista haitiano que contratamos por indicação de brasileiros que moram em Porto Príncipe, tivemos de assinar um termo de responsabilidade pelos problemas de segurança que viéssemos a enfrentar.

Mesmo assim, sair sem escolta não nos garantia liberdade de ação. Primeiramente, certos lugares eram perigosos demais para irmos mesmo acompanhadas de nosso motorista e nossa intérprete haitianos. Em segundo lugar, o trânsito caótico se impôs como uma barreira material para alcançarmos várias partes de Porto Príncipe. Levávamos cerca de 40 minutos para percorrer 5 km na cidade. O problema ligado ao trânsito também nos limitou no que diz respeito ao tempo. Mesmo nos lugares em que conseguíamos ir, tínhamos pouco tempo à disposição.

Tirar fotos também não era uma tarefa fácil. As dificuldades nesse sentido se davam principalmente por motivos éticos e religiosos. A população em situação de vulnerabilidade e a presença maciça de crianças em todos os cenários nos despertavam questões éticas em relação à exposição de certas situações. Ficávamos em dúvida se deveríamos registrar a imagem de uma criança nua, tomando banho em uma vala de esgoto, por exemplo. Inseguras, preferimos não fazê-lo. Além disso, era comum enfrentarmos a resistência da população em relação às fotografias. Como boa parte dos haitianos é praticante da religião vodu, para a qual as fotos retiram parte da alma das pessoas, muitos se recusam a ser fotografados.

Todas essas dificuldades de apuração fizeram com que tivéssemos de nos focar na realidade próxima: projetos de reconstrução que tinham participação brasileira ou estavam



fisicamente próximos à base brasileira. Apesar de um pouco frustradas, tivemos de abrir mão de parte dos assuntos que pretendíamos pesquisar em prol do que era possível pesquisar.

Daí surgiu, então, uma nova dificuldade. Como falar dos projetos de reconstrução que encontramos sem parecermos institucionais? Tal dificuldade nos levou a fazer a opção por uma reportagem baseada em personagens. Ao verificarmos que nossos personagens mais expressivos eram mulheres, decidimos produzir uma reportagem sobre mulheres que estão reconstruindo o Haiti.

Durante o período em que estivemos em Porto Príncipe, outra grande dificuldade era, sem dúvida, separar emoção e trabalho, indivíduo e jornalista. Essa distinção se fazia necessária não só para assegurar a isenção e imparcialidade de nosso trabalho, como também para garantir nossa própria segurança. Segundo relatavam os militares, se atendêssemos ao pedido de um dólar de uma criança, a multidão que se formaria ao redor poderia ser incontrolável.

No período de redação e edição, deparamos com uma situação inusitada – a falta de familiaridade com o texto de grandes reportagens. Acostumadas à vivência universitária voltada para o jornalismo diário, nos vimos embaraçadas diante da dificuldade de escrever um texto descritivo, próprio de grandes reportagens.

Não podemos deixar de mencionar também as dificuldades em angariar fundos e parceiros para a execução do projeto. Orçado em quase R\$ 7.000, já excluída a hospedagem que nos foi oferecida pelo Exército Brasileiro, nosso trabalho teve de contar com apoiadores e parceiros para se concretizar.

## **6. CONSIDERAÇÕES**

As dificuldades de comunicação pelas quais passamos na fase de pré-apuração nos levaram a confirmar o quanto esse processo é importante para consolidar uma boa pauta. Sem conseguirmos um grande volume de informações antes de ir, chegamos a Porto Príncipe ainda perdidas, sem saber para onde olhar primeiro. Se tivéssemos conseguido fazer uma boa pré-apuração antes de viajar, saberíamos de antemão que alguns assuntos que levamos em nossa lista não se sustentavam.



As demais dificuldades encontradas durante o processo nos levam a concluir que o caminho do jornalismo independente, desvinculado de um veículo de comunicação, é árduo. A busca difícil por apoio e patrocínio e a falta de mecanismos apropriados de segurança dificultam a vida de quem quer produzir por conta própria.

Percebemos também que a grande reportagem é um gênero jornalístico que exige tempo e planejamento e talvez por isso vem se tornando cada vez mais rara nas redações de hoje. Por necessitar de muita dedicação – horas e mesmo dias para cada personagem – essa vertente jornalística é própria de revistas mensais e semanais e tem sido cada vez menos vista nos jornais diários. Mas apesar das dificuldades, o processo de produção de uma grande reportagem permite, como poucos, grande aprendizado e fascinantes experiências. Em todo o curso de jornalismo, nada nos ensinou tanto sobre a profissão quanto este projeto.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORBELINNI, M. **Haiti: da crise à Minustah**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais de Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2009.

KAWGUTI, L. **República Negra**. São Paulo: Editora Globo, 2006.

MATIJASCIC, V. B. **A primeira operação de manutenção de paz das Nações Unidas no Haiti (1195–1996): dos antecedentes ao cumprimento do mandato**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP, PUC- SP).

PIERRE, J. G. **Haiti, uma república do Vodou?: uma análise do lugar do Vodou na sociedade haitiana à luz da Constituição de 1987 e do Decreto de 2003**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2009.

**SITES:**



BRASIL. Exército Brasileiro. MINUSTAH. In: Missões de Paz. Disponível em: <http://www.exercito.gov.br/03ativid/missaopaz/minustah/indice.htm>. Acesso em 26 jul. 2010.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Haiti. In: Divisão do México, América Central e Caribe – DCC. Disponível em: <http://www2.mre.gov.br/dcc/haiti.htm>. Acesso em: 26 jul. 2010.

CIA. Agência de Inteligência Americana (Central Intelligence Agency). Haiti. In: The world FactBook. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-worldfactbook/geos/ha.html>. Acesso em 26 jul. 2010.

COMISSÃO INTERINA PARA A RECONSTRUÇÃO DO HAITI (Interim Haiti Recovery Commission). Domínio em inglês, disponível em: <http://www.cirh.ht/>. Acesso em 26. jul 2010.

HAITI. Embaixada em Washington, Estados Unidos. Domínio em inglês, disponível em: <http://www.haiti.org>. Acesso em 26 jul. 2010.

HAITI. Governo Haitiano. **Plano de Ações para a Reconstrução e o Desenvolvimento Nacional do Haiti**. Disponível em francês, em: [http://www.refondation.ht/resources/Plan\\_d%27Action\\_12Avril.pdf](http://www.refondation.ht/resources/Plan_d%27Action_12Avril.pdf). Acesso em 26 jul. 2010.

HAITI. Governo Haitiano. Plataforma de Reconstrução do Haiti (Haiti Reconstruction Platform – HRP). Domínio em inglês e francês, disponível em: <http://www.refondation.ht>. Acesso em: 26 jul. 2010.

HAITI. Ministério da Agricultura. Domínio em francês, disponível em: <http://agriculture.gouv.ht>. Acesso em 26 jul. 2010.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Escritório da representação especial para o Haiti (Office of the Special Envoy for Haiti). Domínio em inglês, disponível em [http://www.haitispecialenvoy.org/about\\_us/mission](http://www.haitispecialenvoy.org/about_us/mission). Acesso em 26 jul. 2010.